

A108297

INICIATIVAS PLANTAS INDUSTRIAIS CAPIXABAS ESTÃO PROCURANDO DIMINUIR A EMISSÃO DE DIÓXIDO DE CARBONO (CO₂) NO MEIO AMBIENTE

Ações para compensar danos

Aracruz, CST, CVRD e Samarco tomam iniciativas para amenizar o efeito estufa

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

O Brasil, um país em desenvolvimento, assim como as demais nações na mesma condição, não tem meta protocolar de reduzir a emissão de gases na atmosfera, embora esteja entre os dez maiores emissores de dióxido de carbono (CO₂). Mas as grandes plantas industriais localizadas no Estado que estão entre os setores que mais emitem CO₂,

se articulam para ficar no ritmo dos acontecimentos mundiais.

A Aracruz Celulose, a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Samarco Mineração trabalham ações em duas direções: redução da emissão de gases causadores do efeito estufa, dando sua contribuição efetiva para o desenvolvimento sustentável e viabilização de projetos com vistas



ao mercado de créditos de carbono.

Redução na emissão de gases causadores do efeito estufa, estoque e seqüestro de carbono são palavras-chave nas grandes corporações.

Ações. A Aracruz buscou a redução das emissões, ao substituir o transporte rodoviário de madeira pelo modal marítimo e trabalha com o seqüestro de CO₂, na áreas de

florestas plantadas e com o estoque nas áreas de florestas nativas, explica o gerente corporativo de Meio Ambiente, Ricardo Rodrigues Mastrote.

Na CVRD está prevista, para o final do ano, a conclusão do inventário que indicará a emissão de gases de efeito estufa, do estoque e do seqüestro de carbono. O resultado do relatório indicará as prioridades da empresa, destaca o analista de Meio Ambiente, Paulo Antônio de Souza Júnior.

A recuperação do gás de aciaria para a geração de energia e implantação do transporte marítimo para o transporte de bobinas de aço para o Sul do país, lembra o gerente da Divisão de Meio Ambiente da CST, Luiz Antônio Rossi, é uma das ações da companhia.

O projeto da Samarco é substituir o carvão mineral pelo carvão vegetal no processo de produção de pelotas de minério, informa o gerente de Meio Ambiente, Vitor Feitosa.

Vale do Rio Doce



O projeto que será desenvolvido pela CVRD, a partir das indicações do inventário que está sendo realizado, será modelo para o Espírito Santo e para o mundo, avisa o analista de Meio Ambiente da mineradora, Paulo Antônio de Souza Júnior. E a preocupação, explica, não é só a de gerar crédito de carbono, mas também a de reduzir os poluentes.

A empresa está fazendo o levantamento de suas emissões de gases de efeito estufa, do seu seqüestro e estoque de carbono. No Estado, o estoque maior é a floresta da reserva natural de 30 mil hectares, em Linhares. As florestas em crescimento seqüestram carbono da atmosfera. O inventário será concluído em dezembro e no primeiro semestre de 2006 fica pronto o estudo com indicações do que será feito. Souza destaca a preocupação da empresa com seus clientes, que vivem em um mundo de restrições e podem precisar da ajuda da mineradora.

Samarco



A substituição de carvão mineral (combustível fóssil) por carvão vegetal derivado de capim-elefante (combustível renovável) é um projeto, em fase de implantação, que faz brilhar os olhos do gerente de Meio Ambiente da Samarco, Vitor Feitosa. Além da substituição de 240 mil toneladas/ano de carvão mineral que a Samarco importa, o projeto traduz os conceitos de sustentabilidade. Representará benefícios econômicos para a empresa, com redução dos custos; ganhos ambientais, com a redução do efeito estufa que gera mudanças climáticas; e benefícios sociais, com a geração de renda e inclusão social a partir do programa de fomento do capim-elefante.

A substituição do combustível fóssil por combustível renovável, lembra Feitosa, pode gerar crédito de carbono para a Samarco, representando a oportunidade de novos negócios ambientais. Outro ponto positivo é a redução na emissão de gases causadores do efeito estufa.

Aracruz Celulose



“Nosso negócio é vender celulose e não créditos de carbono”, avisa o gerente corporativo de Meio Ambiente da Aracruz, Ricardo Rodrigues Mastrote. Mas, nem por isso os temas relacionados ao Protocolo de Kyoto ficam em segundo plano. As mudanças climáticas, por exemplo, merecem toda a atenção, vez que podem ser catastróficas para uma empresa que tem a madeira como principal insumo de seu negócio.

Uma das medidas adotadas para reduzir a emissão de gases, com a queima de diesel, foi a substituição dos caminhões pelas barcas no transporte da madeira, explica Mastrote. Um terço das áreas de florestas da Aracruz são de florestas nativas, que representam estoque de carbono e as áreas de florestas plantadas da empresa e também as do fomento florestal, contribuem para o seqüestro (retirada da atmosfera) de CO₂. A empresa usa o vapor do cozimento da madeira para a geração da energia que usa no processo de produção de celulose.

CST



O gás de aciaria da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) que era queimado e jogado na atmosfera agora é recuperado e usado na geração de energia. Esse é o projeto da siderúrgica para a geração de créditos de carbono que poderão ser negociados com os países que são obrigados a reduzir a emissão de gases poluentes. Além de gerar créditos, o projeto contribui para a redução da emissão na atmosfera, explica o gerente da Divisão de Meio Ambiente, Luiz Antônio Rossi.

Outro projeto prioritário da companhia, este para reduzir a emissão de gases poluentes, é a utilização de carcaças para transportar as bobinas de aço para o Sul do país. Hoje, explica Rossi, parte da carga é transportada por rodovia, parte por ferrovia e parte por navio fretado. O terminal de carcaças entrará em operação no segundo semestre de 2006. A recuperação do gás de aciaria para a geração de energia representará 390 mil toneladas de carbono, ao longo de sete anos. E o transporte das bobinas por carcaças, outras 350 mil toneladas, no mesmo período.